

Anais do II Seminário sobre Museus-Casas

Comunicação e Educação



MINISTÉRIO
CULTURA



Edições  Casa de Rui Barbosa

Outra coisa muito positiva também é que o Instituto Anísio Teixeira já está começando a receber solicitações de outras escolas para que sejam implantados outros museus. Pretendemos começar ações semelhantes em outras escolas de Salvador. Nós já recebemos, no Museu, alunos de outras escolas que vão pesquisar, como por exemplo meninos que estudam no ICEA, que fica no Barbalho, um bairro do centro da cidade. Acho que é a própria história do museu que vai levar isso adiante. Mas, também, se, infelizmente, esta nova diretora tivesse chegado e mandado fechar o museu, porque a escola é dela – os nossos dirigentes às vezes pensam assim –, eu lutaria com unhas e dentes para o museu continuar, mas na hora que tivesse que fechar, eu fecharia. Teríamos cumprido o nosso papel.

Grupos de Discussão Dia 13 (tarde) e 14 (manhã)

MAGALY CABRAL, chefe do Museu Casa de Rui Barbosa – Antes de nos dividirmos em grupos de discussão em torno do texto de Mário Chagas – O Museu-Casa como problema: comunicação e educação em processo¹ – e da palestra da professora Maria Célia, o nosso Presidente, Dr. Mário Brockmann Machado, que não pôde estar presente pela manhã, por motivo de outros compromissos, quer dar as boas-vindas a vocês e aproveitar a oportunidade, já que é citado no texto do Mário Chagas e não poderá participar dos grupos de discussão, para conversar com o Mário sobre algumas questões do texto. Na verdade, estaremos começando com um grande grupo de discussão bastante enriquecedor, para depois entrarmos nos pequenos grupos de discussão.

Dou a palavra, então, aos dois Mários.

DR. MÁRIO MACHADO, presidente da Fundação Casa de Rui Barbosa – Agradeço esta oportunidade e, antes de mais nada, quero dar as boas-vindas a todos os participantes do seminário, lamentando não ter podido estar aqui na parte da manhã, e formular os meus votos de muito sucesso para os trabalhos que vocês estão desenvolvendo.

Recebi o texto do Mário Chagas ontem, e o li imediatamente. Gostei muito, achei-o estimulante, original, e fiquei de fato interessado em poder trocar idéias sobre ele, principalmente quando verifiquei que sua primeira parte é um diálogo com uma pergunta que eu havia feito na inauguração

¹ Ver p.179.

do Seminário do ano passado. Achei que devia dar alguns esclarecimentos sobre o que está embutido naquela pergunta e, por isso, pedi esta oportunidade.

Assim como o Mário Chagas, na primeira parte do seu texto, expôs as suas idéias comentando a minha pergunta, eu vou também expor as minhas idéias comentando o texto dele. Mas apenas nessa primeira parte – não vou tocar nas outras porque não tenho competência para isso. Aliás, gostaria de dizer, desde logo, que não sou museólogo; sou, profissionalmente, um cientista social, e um observador participante – digamos assim – da vida cultural do país. É nessa dupla qualidade que vou falar para vocês, e não na de presidente da Casa – e nem caberia o presidente comentar as idéias de um visitante.

Diz o Mário Chagas:

A palestra de abertura do I Seminário sobre Museus Casas, realizada por Maurício Lissovski, estimulou o professor Mário Machado a fazer alguns comentários sobre as funções dos museus para, em seguida, arrematá-los com a seguinte questão: o que significa o museu que, além da sua função museológica, passa a ser um espaço cultural polivalente onde n outras coisas podem acontecer? Deixa ele de ser um museu? É um museu diferente, uma espécie diferente de museu? Seriam os museus modernos cada vez mais dessa maneira? A idéia tradicional do museu estaria sendo definitivamente superada?

Continua o Mário Chagas:

Visando a estabelecer um elo de ligação entre o primeiro e o segundo seminários, resolvi retomar a discussão sugerida por Mário Machado. Como se sabe, todo e qualquer museu possui três funções básicas: preservação, investigação e comunicação.

Mário Chagas desenvolve esta parte e, na página seguinte, conclui:

Após esse preâmbulo, considero-me em condições de enfrentar o questionamento proposto por Mário Machado. Primeiramente, é preciso reconhecer com base nas funções museológicas indicadas, aquelas três que se mencionou, que os museus não são meras casas de preservação. Ao contrário, são efetivamente espaços culturais polivalentes onde n coisas podem acontecer. Todo e qualquer

museu, isto é válido também para os museus-casas, são centros culturais, mas nem todos os centros culturais são museus.

E conclui:

Assim, falta clareza, para não dizer que falta nexo, às propostas de transformação de museu em centros culturais. Como alguma coisa pode ser transformada naquilo que ela já é?

Vou fazer três ou quatro comentários sobre esse trecho.

O ponto fundamental, a meu ver, que de certa forma contrasta com o que está embutido na minha pergunta, é essa abertura: “como se sabe, todo e qualquer museu possui três funções básicas: preservação, investigação e comunicação”. Digo que o ponto fundamental é esse porque é preciso esclarecer exatamente que tipo de proposição é essa: se é uma proposição descritiva – se está se afirmando que os museus são assim –, ou se é uma proposição prescritiva – se está se dizendo que seria bom que os museus fossem assim. Porque se é uma proposição descritiva, eu diria que provavelmente os museus não são assim. A maioria dos museus não desempenha essas três funções de preservação, investigação e comunicação. Em geral, eles mal conseguem desempenhar a primeira dessas funções, ou por falta de recursos humanos ou por falta de recursos financeiros, o que seja. Agora, se se trata não de uma afirmação do que existe, mas daquilo que deveria existir, então eu estou de acordo com o que o Mário Chagas diz: acho que essas são realmente as três funções básicas que os museus deveriam desempenhar.

Vou citar um exemplo: em 1981, eu dirigia a Fundação Nacional de Arte, que funcionava, naquela época, no prédio do Museu Nacional de Belas-Artes. Mas as instituições não se comunicavam; havia uma porta entre elas que vivia permanentemente fechada. Enquanto a FUNARTE estava renovando, dinamizando atividades culturais, promovendo artistas novos – enfim, uma quantidade e variedade enormes de programas e um grupo técnico da melhor qualidade –, o Museu Nacional de Belas-Artes vivia uma fase de grande decadência. Certamente nenhuma investigação aí era feita e a única divulgação consistia em abrir as portas, de vez em quando, para visitantes, porque a própria conservação era de má qualidade

– havia infiltrações por todos os lados, havia quadros danificados, havia cupim, a reserva técnica era de má qualidade, enfim, era um abandono. Nessa época, Aluísio Magalhães substituiu o diretor do Museu e nomeou o Alcídio Mafra, que era meu assessor na FUNARTE. Nós abrimos a porta que existia entre as duas instituições e assim começou a recuperação do Museu Nacional de Belas-Artes. Pois bem, naquela época, o Museu não desempenhava as funções de pesquisa e de divulgação, a não ser, digamos assim, marginalmente, e mal desempenhava as funções de conservação. E, no entanto, era um museu – era o Museu Nacional de Belas-Artes.

Então, o que eu queria dizer é que essa proposição não pode ser tomada como descritiva. Ela deve ser tomada como prescritiva. Isto é muito importante para o que se segue, as conclusões a que chega o Mário Chagas, quando ele diz que “primeiramente é preciso reconhecer, com base nas funções museológicas indicadas, que os museus não são meras casas de preservação.” Eu diria que, em geral, eles são apenas isso, embora não devessem sê-lo. É importante fazer a distinção entre os níveis do ser e do dever ser. Pelo menos há vinte anos eles eram apenas isso. Agora, realmente, nota-se – e era isso o que eu perguntava, o assunto em que eu tocava na minha pergunta – uma transformação muito grande. Diz ainda o texto: “... são efetivamente espaços culturais polivalentes”. Eu diria: talvez devessem ser, talvez pudessem ser, mas na sua maioria não são espaços culturais polivalentes. Talvez tendam para isso, onde as coisas podem acontecer, mas em geral não acontecem.

“Todo e qualquer museu, e isto é válido também para os museus-casas, são centros culturais, mas nem todos os centros culturais são museus”. Será que de fato todos os museus são centros culturais? Ou novamente essa é uma proposição que deve ser interpretada como prescritiva? Eu acho que no nível do que de fato existe, a grande maioria dos museus não é um centro cultural. A grande maioria dos museus mantém apenas aquela função tradicional, que é a da preservação de acervos; há pouca pesquisa, há pouca divulgação e há pouca dessas outras atividades que eu estou associando a centros culturais quando faço aquela pergunta – o que significa um museu que, além da sua função museológica, passa a ser um espaço cultural polivalente, onde as coisas podem acontecer? deixa ele de

ser museu? é um museu diferente? é uma espécie diferente de museu? seriam os museus modernos cada vez mais dessa maneira? Enfim...

“Falta clareza para não dizer que falta nexo às propostas de transformação de museus em centros culturais. Como alguma coisa pode ser transformada naquilo que ela já é?” Acho que essa conclusão deve ser vista, no meu modo de ver, sob a mesma ótica de todas as proposições anteriores: já é na realidade, ou já é apenas conceitualmente? Outra vez eu diria que, na realidade, os museus não já são centros culturais. Poderão, eventualmente, transformar-se nisso. “Como alguma coisa pode ser transformada naquilo que ela já é?” De fato não poderia, mas eu sustento que os museus não são, na sua maioria, centros culturais. A não ser que estejamos usando a expressão “centros culturais” com significados diferentes. Eu a emprego com o seu significado usual, do qual o Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro, é o exemplo mais perfeito.

O primeiro ponto era, portanto, a preocupação de esclarecer o nível do discurso que está sendo feito pelo Mário Chagas – se descritivo ou se prescritivo –, porque isso permite esclarecer um pouco a pergunta que eu fazia lá atrás.

Com relação ao segundo ponto, que evidentemente está relacionado com o anterior, retomo o que diz o Mário Chagas – “o museu não deixa de ser museu na medida em que se reconhece como espaço cultural polivalente, onde as outras coisas podem acontecer”. Eu perguntaria: será que não há limite para essa transformação? será que não existe uma fronteira além da qual o museu deixa de ser museu e passa para ser uma outra realidade? ou, indefinidamente, ele pode ir acrescentando as atividades às aquelas tradicionais, sem nunca deixar de ser um museu?

Vou dar alguns exemplos para tentar objetivar este tipo de indagação: um museu cede parte de seus espaços a um cinema comercial, cede outra parte a um restaurante comercial e também a uma loja comercial. Nem o cinema, nem o restaurante e nem a loja propriamente têm muito a ver com o museu: o cinema não é dedicado, digamos assim, a filmes “educativos”, e sim a filmes comerciais; assim também o restaurante, que é comercial, etc.

Isso tem a ver com atividades museológicas? isso faz parte do conceito de museu? ou existe um limite além do qual eu diria "isto pode até ocorrer, mas já não faz parte do museu, não é uma das n atividades que podem acontecer dentro de um museu sem que ele deixe de ser museu". Será que aí já não se ultrapassou o limite daquilo que poderia ser razoavelmente admitido dentro do conceito de museu?

Outro exemplo: será compatível com as atividades de um museu de artes alugar as suas dependências para desfiles de modas, ou para a realização de casamentos, ou para reuniões sociais que empresas queiram oferecer a seus clientes? Essas são atividades compatíveis com um centro cultural polivalente; mas será que são compatíveis com um museu? É esta a questão que, no fundo, eu estou colocando. Se por definição eu afirmo que todos os museus são centros culturais, então todas essas atividades são admissíveis, porque elas são compatíveis com um centro cultural. Mas se eu estabeleço um limite de separação entre aquilo que é um museu e aquilo que é um centro cultural, então eu posso olhar para isso e dizer: acho que essas atividades não caberiam dentro de um museu, ainda que caibam dentro de um centro cultural. Daí a importância da questão de definição que foi colocada anteriormente.

Agora vamos para o terceiro e último ponto. Na conclusão da primeira parte, o Mário Chagas afirma:

na década de 70 do atual século, estabeleceu-se uma oposição entre o museu templo e o museu fórum. Naquele momento essas duas tendências apresentavam-se como situações irreconciliáveis. O museu templo estava destinado à acumulação e contemplação de bens culturais, relíquias e obras consagradas. O museu fórum, ao contrário, era pensado como ágora – espaço de debates, discussões e movimentos de idéias. Hoje é possível compreender que essa oposição era ilusória.

Eu pergunto: será que era ilusória mesmo? Eu acho que não, acho que essa oposição era real naquela época, no seguinte sentido: eu percebia, então, um conflito político, que talvez fosse geracional, entre um grupo tradicional de profissionais de museus, que tinha uma noção bastante limitada, bastante restrita à questão da preservação, e um grupo novo de jovens dirigentes que ia abrindo seu caminho, ou tentando abrir o seu

caminho, com uma proposta muito mais aberta e arejada. Mas isso, no meu modo de ver, era um conflito real – quer dizer, havia pessoas de lado a lado, com opiniões contrárias, disputando posições nesses museus. O conflito existia de fato, as pessoas estavam se enfrentando. Não me parece que se possa dizer, olhando para trás, que essa oposição era ilusória. Eu acho que ela era real e muitas pessoas se machucaram nesse conflito.

Hoje, nós podemos dizer, como Mário Chagas muito bem conclui, e com o que estou de pleno acordo, que há espaço para o templo e para o fórum, para a contemplação e para o debate, para a preservação e para a comunicação. Isto, em grande parte, foi conquista de pessoas que se empenharam num conflito político em várias instâncias, em várias instituições, em vários museus.

Pois bem, foi dentro desse espírito da conclusão do Mário Chagas – de que há espaço para o templo e para o fórum, para a contemplação e para o debate, para a preservação e a comunicação – que eu me apresentei aqui, com essas idéias. E é também dentro desse espírito que eu quero cumprimentar o Mário Chagas pela excelência do seu trabalho. Eu não fiz qualquer comentário sobre o restante, porque tudo o que aí se diz eu assino embaixo. E mesmo em relação à parte que comentei, pode-se dizer que não há propriamente divergências, porque tudo, no fundo, se remete à questão do nível de discurso que estamos usando: se o nível daquilo que existe ou se o nível daquilo que deveria existir. Se é o nível daquilo que deveria existir, também só me resta mais uma vez assinar embaixo. Se é o nível daquilo que existe, então talvez estas minhas ponderações possam servir de elementos para um debate, para as reflexões que vocês vão realizar.

Era o que eu tinha a dizer e agradeço muito a atenção.

MÁRIO CHAGAS, assessor técnico do Museu da República – Bem, eu vou dizer alguma coisa. Sim. Penso que é importante dizer alguma coisa neste momento, porque assim retomamos, ou melhor, iniciamos efetivamente o debate.

Uma coisa é um texto escrito friamente. Eu escrevi este texto não em um gabinete, mas num quarto de trabalho. Na verdade, ele foi produzido

com um certo distanciamento, uma certa frieza. E neste momento há a possibilidade de já iniciarmos o nosso grupo de discussão, aquecendo as turbinas, retomando alguns pontos.

Mas, inicialmente, eu quero me repetir, pois já disse isso no texto: sinto-me honrado e com muito prazer por ter tido a oportunidade de elaborar este documento para ser debatido. E, neste momento, sinto-me ainda mais honrado por estar à mesa com Mário Machado e ter a oportunidade – o que para mim, na verdade, é um privilégio – de debater com ele alguns pontos de um texto que elaborei. Eu diria até, Mário, se você me permite chamá-lo assim, que a sua intervenção não perturba em nada o andamento dos nossos trabalhos. Ao contrário, ela nos traz mesmo algum gás.

Eu vou fazer agora e aqui um caminho inverso. Vou retomar, sem nenhum sentido de réplica ou de tréplica, o diálogo, tentando esclarecer alguns pontos em relação ao texto. Então, eu retomo de onde Mário Machado parou: a questão do museu templo e do museu fórum. No texto, eu pretendi sustentar que essa questão é ilusória hoje. Hoje ela é um falso problema. Mas reconheço que nos anos 70 ela era efetiva e indicava um campo de luta e conflito. Estou de acordo com Mário Machado. É importante lembrar que alguns jovens, na época, mais ousados, pensavam em passar o rio Sena dentro do Louvre e propunham fazer do museu uma ágora, um fórum de debates, etc.

Na verdade, até meados da década de oitenta no Brasil, essa questão esteve presente, era uma questão candente, capaz de gerar disputas e atritos de níveis variados. Mas, no entanto, se nós insistimos nela hoje, vamos verificar que ela não tem mais a mesma densidade que tinha antes. Hoje, já nos demos conta, já conquistamos a idéia de que os museus tanto podem ser fórum quanto templo, as duas coisas eles podem ser.

Eu pensei nesse caminho inverso e em retomar o debate a partir desse binômio templo x fórum, porque ele, de algum modo, esclarece a questão anterior. Na verdade, também hoje, mesmo que alguns museus estejam mais concentrados na função preservação e outros estejam mais voltados para a função de pesquisa, e outros, ainda, voltados para a função de

comunicação, ainda assim, hoje entendemos que o museu só está completo (neste sentido, o texto é prescritivo) quando desenvolve as três funções.

Fugindo do caminho que leva à distinção entre descritivo e prescritivo, eu gostaria de seguir por outra trilha. Eu trabalhei, na verdade, no plano conceitual, e o que busquei fazer foi identificar conceitos que facilitem a nossa operação nos museus e nos ajudem a pensá-los com alguma segurança. Na verdade, busquei perceber essas três funções como uma espécie de princípio de identidade dos museus. Isso não impede que um museu, durante um determinado momento, até em termos políticos, incluindo aí a política institucional, atue dentro de uma determinada função. É perfeitamente possível que a equipe de um museu faça um plano de atuação política, dizendo: no próximo biênio nós vamos nos concentrar na função comunicação, porque é a função que nós percebemos que está menos desenvolvida; já cuidamos da reserva técnica, já cuidamos da função preservação e vamos agora atuar no campo da comunicação. E aí essa equipe faz uma operação de orientação das suas ações para esse campo. O problema é que alguns museus se cristalizam em uma dessas funções e, quando isso ocorre, verifica-se uma crise de identidade museológica. O ideal – e aqui sou intensamente prescritivo – seria o equilíbrio entre as funções, mas reconheço que, na prática, essas funções apresentam níveis variados. O exemplo dos museus universitários é bastante elucidativo: via de regra, eles tendem a se cristalizar na função pesquisa, com prejuízos para as funções comunicação e preservação.

Este jogo das funções é muito interessante, sobretudo quando percebemos os seus desafios e os perigos de cristalização. O desafio é manter o museu nesses limites. Estou me movimentando no plano conceitual, reconhecendo que a prática é inovadora. No entanto, não posso deixar de reconhecer que o museu é efetivamente aquilo que nós queremos que ele seja, tanto no nível dos conceitos quanto no das práticas. Na prática, nós vamos alterando os conceitos, vamos ajustando-os às nossas realidades. Há uma frase famosa de um americano chamado F. Taylor, nos anos 30, citada por Edgard Sussekind de Mendonça – um indivíduo excepcional que trabalhou e pensou a área de museus, pena que não tenhamos estudos sobre ele –, que diz o seguinte: “Cada geração se viu forçada a pensar o museu a seu modo”. Tudo isto serve para dizer que assim como nós

incluímos nos museus auditórios e salas de educação, assim também se inclui uma loja, um restaurante, um cinema, um teatro, etc. Podemos e devemos discutir se isso é bom ou se é ruim. Não há certezas nesse campo. Os museus, hoje, estão buscando também alternativas, isso porque estão percebendo que se não fizerem um aluguel de espaço – mesmo que isto seja discutível –, não alcançam recursos para os seus programas, projetos e atividades. O aluguel é mesmo discutível, mas o fato é que fomos empurrados para dentro deste sistema neoliberal de globalização e estamos sendo forçados a algumas situações, à busca de alternativas e resistências. Há um livro interessante chamado *Mega Trends* que discute as tendências gerais na área da economia, das artes, etc. Ele discute a perspectiva de grandes museus que, para se sustentarem, precisam buscar mais apoio da iniciativa privada e precisam buscar parcerias efetivas. Eu diria que existem pelo menos duas tendências: a dos grandes museus e a dos pequenos museus. Está cada vez mais difícil os museus se sustentarem, estamos vendo isso no dia-a-dia, está nos jornais. É preciso buscar alternativas, sem perder a capacidade de criticar, garantindo as condições para o fazer museológico.

Um dos nossos desafios, hoje, para além das funções, é como vamos, se é que isto nos interessa, desenvolver alguma forma de resistência a esse processo capitalista e materialista de globalização. A questão é saber qual é o nosso papel e o nosso compromisso dentro deste processo. O museu é um espaço de construção, desconstrução e reflexão sobre identidades culturais e locais. O museu pode ser um sinal de atenção, pode ser um sinal de alerta. O museu pode estar comprometido com o homem em construção ou simplesmente com as forças do mercado.

A conclusão – esboçada no texto em discussão – de que todo museu é um centro cultural, mas que nem todo centro cultural é um museu, necessita de algum esclarecimento. Foi bom o aparte do professor Mário Machado, sobretudo porque gerou esta oportunidade de esclarecimento. Só tem sentido falarmos em centro cultural estabelecendo o conceito de cultura. Falamos de Centro Cultural Banco do Brasil, Centro Cultural de tal lugar, Centro Cultural disso e daquilo, mas frequentemente passamos ao largo da definição de cultura, do conceito de cultura.

Se passamos a operar com um conceito de cultura mais amplo, como o

fazem alguns antropólogos e os sociólogos que compreendem a cultura como a totalidade da herança social ou, ainda, como a rede de relações simbólicas, todo e qualquer museu estará incluído no universo do cultural. Por outro lado, se considerarmos que o museu acolhe, irradia, dissemina e produz ações educativas e culturais, será fácil compreendê-lo como centro cultural.

Finalmente, a questão é que nós adotamos um modelo de centro cultural e passamos a entender que apenas esse modelo expressa o que é o centro cultural. É um modelo francês, importado nos anos 70, é o modelo do Centro George Pompidou. Adotamos este modelo e passamos a dizer: “aqui está o nosso centro cultural”, como se fosse o único. Paulo Freire já trabalhava com centros populares de cultura, nos anos 60. Hoje, podemos discutir se eles são ou não adequados, se nós os queremos ou não, mas não podemos negar que eram centros culturais. Um dos equívocos, hoje, eu diria, é que alguns museus passam a perceber um determinado centro cultural e querem copiar o modelo, sem se dar conta de que já são, de saída, centros culturais, e que poderiam seguir um outro modelo, adotar um outro caminho. A questão, portanto, insisto, é de modelo.

Era esta a discussão. Fico por aqui, e agradeço sinceramente ao Mário Machado por me ter concedido a honra destas palavras e por ter gerado esta oportunidade de debate, que foi muito enriquecedora.

MAGALY CABRAL – Iniciadas as discussões com Mário Machado e Mário Chagas, convido os colegas a formarem os grupos de discussão.